

ENTRE A VIDA FAMILIAR E PÚBLICA: PAPÉIS FEMININOS NA OBRA MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS DE MACHADO DE ASSIS

Cláudia Cristina Silveira¹, Dirce Léia Leite², José Maria Barbosa³, Camila Aparecida Schettini⁴, Luiz Carlos Andrade Aquino⁵, Maurício Martins Alves⁶, Antonio Carlos Machado Guimarães⁷

¹UNIVAP/Direito, kausilveira@yahoo.com.br

²UNIVAP/Direito, leidadirce@yahoo.com.br

³UNIVAP/Direito, ze_mariabarbosa@yahoo.com.br

⁴UNIVAP/Direito, schettini.camila@gmail.com

⁵UNIVAP/Direito, aquino@univap.br

⁶UNIVAP/Direito, histau@uol.com.br

⁷UNIVAP/Direito, quimaraes@univap.br

Palavras-chave: personagem feminina, liberalismo, papel da mulher no século XIX.

Área do Conhecimento: Literatura e Sociedade, Direito.

Resumo: Este artigo tem por objetivo empreender uma análise da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis, no qual se discute, através das personagens femininas na ficção de Machado de Assis, os papéis femininos no século XIX, os direitos das mulheres e excertos da história da mulher no Brasil.

Abstract: This article presents an analysis of Machado de Assis' *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, in which are discussed, based on female characters depicted in the piece, the roles assigned to women, women rights and excerpts of women history at the end of XIX century in Brazil.

Introdução

Este artigo¹ centra-se na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis enfatizando as personagens femininas. As descrições de alguns fatos que são encontrados em Machado de Assis são valiosos documentos não só para quem deseja conhecer ou estudar a cidade do Rio de Janeiro no século XIX, mas também para aqueles que se interessam pelas transformações operadas nos costumes, atitudes e comportamentos femininos nesse período, transformações essas exigidas pelas próprias mudanças que ocorriam na época em questão.

Pretende-se empreender uma leitura da obra através da qual se enfatizam os papéis que as mulheres exerciam na época e se mostram quais eram as funções da mulher na sociedade carioca, incluindo a conciliação entre a vida familiar e a pública. Para tal, pretende-se observar na obra do escritor carioca as mulheres de diferentes perfis, como por exemplo: pobres e ignorantes, ricas e instruídas.

Tenta-se, em síntese, responder a seguinte pergunta: como as personagens femininas da obra em estudo viviam no

dualismo entre o liberalismo e o escravismo no Brasil no século XIX?

Metodologia

A metodologia para execução deste trabalho priorizará a análise do diálogo intertextual e intratextual da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis. A preocupação maior situa-se, portanto, na própria linguagem do texto. Isso não quer dizer, entretanto, que os elementos extrínsecos aos textos serão descartados — ao contrário, serão valorizados quando necessário.

Será considerada a leitura crítica de historiadores da literatura, críticos literários e historiadores, tanto contemporâneos a Machado de Assis, como posteriores, para uma melhor compreensão do significado de sua obra.

Resultados

A obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis apresenta a dificuldade de saber qual a real intenção do narrador — o “defunto” Brás Cubas — que ao mesmo tempo mostra interessado por tudo e nada: *cabendo ao leitor desmascará-lo para compreender o seu mundo, ou deixar-se levar, conformando-se a ele. Esse mundo é o Rio de Janeiro de Brás, ou o RJ e o Brasil, durante o período compreendido entre seu nascimento e sua morte, 1805 e 1869 respectivamente. A vida do narrador corre, portanto, nos trilhos do século XIX, em meio à sociedade escravocrata (colonial até 1822, nacional em seguida),*

¹ São as primeiras visões formadas a partir do minicurso “Machado de Assis: homem, a obra e a recepção”, ministrado pelo professor Jean Pierre Chauvin para o 1º período do curso de Bacharelado em Direito.

interpretada por Roberto Schwarz. (JACKSON, 2003: 9).

O defunto-narrador retratava uma sociedade escravista e burguesa ao mesmo tempo, uma elite versada nos princípios do liberalismo, mas calcada na escravidão e no tráfico negreiro (JACKSON, 2003: 10).

Alfredo Bosi faz uma análise semântico-histórica do que seria o liberalismo no Brasil, apontando para quatro significados do termo, os quais vêm isolados ou combinados: 1) *Liberal, para a nossa classe dominante até os meados do século XIX, pôde significar conservador das liberdades, conquistadas em 1808, de produzir, vender e comprar.* 2) *Liberal pôde, então, significar conservador da liberdade, alcançada em 1822, de representar-se politicamente; ou, em outros termos, ter o direito de eleger e de ser eleito na categoria de cidadão qualificado.* 3) *Liberal pôde, então, significar conservador da liberdade (recebida como instituto colonial e relançada pela expansão agrícola) de submeter o trabalhador escravo mediante coação jurídica.* 4) *Liberal pôde, enfim, significar capaz de adquirir novas terras em regime de livre concorrência, alterando assim o estatuto fundiário da Colônia no espírito capitalista da Lei de Terras de 1850.* (BOSI 1988: 4)

Assim, voltando o nosso olhar para Brás Cubas pode-se dizer que ele antecipa idéias de um liberalismo às avessas, ou seja, um liberalismo que não deu certo num país que se enriquecia com a mão de obra escravocrata, uma elite econômica que se enriqueceu com o tráfico negreiro. Sem dúvida nenhuma, o defunto autor, deixa claro em sua obra a ambigüidade de idéias, ou seja, é irônico com as instituições brasileiras, fazendo uma crítica aos costumes de que é uma sociedade de aparências, um país contraditório: escravocrata, liberal que evolui e ao mesmo tempo não evolui. De um país que a origem da classe social rica é no tráfico negreiro; é uma valorização irônica a escravatura, de um liberalismo que não se tem no Brasil, pois, é um país da cultura do favor.

Nota-se que o defunto narrador ironiza o liberalismo no Brasil, pois a burguesia nacional se enriquecia com a mão-de-obra escravocrata.

Conforme Roberto Schwarz a estrutura literária de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* teria sido construída a partir

de uma crítica radical à sociedade brasileira, mais especificamente, às classes dominantes no Rio de Janeiro: (...) a fórmula narrativa de Machado consiste em certa alternância sistemática de perspectivas, em que está apurado um jogo de pontos de vista produzido pelo funcionamento mesmo da sociedade brasileira. O dispositivo literário capta e dramatiza a estrutura do país, transformada em regra de escrita. E com efeito, a prosa narrativa machadiana é das raríssimas que pelo seu mero movimento constituem um espetáculo histórico-social complexo, do mais alto interesse ... (Schwarz, 2000: 11)

A obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis tem com cenário a cidade do Rio de Janeiro do século XIX, os personagens da obra são representantes da sociedade burguesa, o narrador é um defunto-autor, Brás Cubas, as personagens femininas são mostradas a partir da visão do homem a respeito da condição da mulher. Vale mencionar que a sociedade da época era fortemente marcada pelo patriarcalismo e que a condição da figura feminina ideologicamente estava submissa ao homem, o que justifica que na maioria das vezes são atribuídas à mulher posturas negativas. A mulher no século XIX não fica apenas restrita ao ambiente familiar (filhos e marido) e sim passa a acompanhar o marido na vida social (Andrade: 4, 5).

Discussão

A obra de Machado de Assis é um documento importante da trajetória da mulher no século XIX. Temos uma galeria de tipos femininos muito bem representados na obra do escritor, — o da mulher dominadora, o da mulher trabalhadora e o da mulher cortesã —. A mulher dominadora é representada exemplarmente pela personagem feminina Virgília, a mulher trabalhadora, por Dona Plácida e a mulher cortesã por Marcela. O narrador faz uma crítica não apenas à sociedade, mas às ações de cada indivíduo no século XIX.

Entre a galeria de tipos femininos, vale mencionar a imagem que o defunto-narrador nos fornece das mulheres pobres e trabalhadoras, que são representadas por Dona Plácida. Esta é uma velha agregada da família de Virgília (amante de Brás Cubas) Nota-se que o narrador descreve com ironia a prática do favor²: —

² Segundo Roberto Schwarz em *Ao Vencedor as batatas* ele observa que os homens livres são: *nem*

Chamamos-te para queimar os dedos nos tachos, os olhos na costura, comer mal, ou não comer, andar de um lado para outro, na fana, adoecendo e sarando, com o fim de tornar a adoecer e sarar outra vez, triste agora, logo desesperada, amanhã resignada, mas sempre com as mãos no tacho e os olhos na costura, até acabar um dia na lama ou no hospital; foi por isso que te chamamos, num momento de simpatia (Assis, 219). O fato de ser mulher e ainda pobre restringe o alcance profissional, social e a vida pública.

Cabe registrar que D. Plácida não era escrava, não era assalariada, e sim era uma agregada da família de Virgília, pois vivia da troca de favores sem nenhum direito trabalhista. A personagem mostra as relações entre dominantes e dominados fundadas na prática do favor. Aliás, por ser mulher e pobre não tinha muitas escolhas, e os principais serviços da produção econômica estava a cargo dos escravos, o que restava era uma vida de favores para a sua sobrevivência.

Já para realizar uma leitura interpretativa da mulher trabalhadora livre e pobre na escrita de Machado Assis, é preciso recordar que no século XIX a elite brasileira educava seus filhos da seguinte maneira: *Quando quebra a cabeça de uma escrava, o Brásinho é filho querido de sua mãe e de seu pai; quando emite cinismos sobre a função social dos pobres, o jovem capitalista o faz como protetor de uma agregada; quando foge à modesta Eugênia único bom sentimento de sua vida, será na qualidade de moço de família importante, com obrigações de carreira etc.* (Schwarz, 2000: 70). Nota-se como era valorizada a educação dos filhos da elite, ou seja, como era a sociedade nacional no século XIX. Vale mencionar, aqui, algumas características da mãe de Brás Cubas era uma *senhora fraca, de pouco cérebro e muito coração, assaz crédula, sinceramente piedosa — caseira apesar de bonita, e modesta apesar de abastada; temente às trovoadas do marido* (Assis, 130). Tais características denotam a situação submissa da mãe de família em relação ao marido.

proprietários nem proletários, seu acesso à vida social e a seus bens depende materialmente do favor, indireto ou direto, de um grande. O agregado é a sua caricatura. O favor é, portanto, o mecanismo através do qual se reproduz uma das grandes classes da sociedade, envolvendo também outra, a dos que têm. (SCHWARZ, 1992:16).

Um exemplo típico da mulher que não é nem proprietária e nem escrava é Eugênia, *a flor da moita*, que, aliás, não é propriamente pobre. Ela fora *educada na proximidade do mundo abastado, ela pode até fazer um bom casamento e vir a ser uma senhora. Mas também terminar, como termina, pedindo esmolas num cortiço. Do que depende seu desfecho? Da simpatia do moço ou de uma família de posses* (Schwarz, 2000: 87). Ou seja, depende da classe dominante, tal personagem resume a situação das mulheres livres no Brasil escravista.

Talvez seja interessante, neste ponto, citarmos algumas considerações de Gilda de Mello e Souza com relação à mulher. Segundo ela, o casamento era uma espécie de favor que o homem conferia à mulher — o único meio de adquirir status econômico e social —, pois aquela que não se casava era a mulher fracassada e “tinha de se conformar à vida cinzenta de solteirona”, acompanhando a mãe às visitas, entregando-se aos bordados infundáveis, à educação dos sobrinhos. Ou então, em sociedades aonde o movimento de emancipação ia mais adiantado como na Inglaterra, a uma vida de humilhação como governante (Souza, 1987: 90). Ainda de acordo com Gilda de Mello e Souza: *Mas, se não se casando a mulher via seu prestígio na sociedade diminuído, dedicando-se ao trabalho remunerado descia imediatamente de classe. Fora dos trabalhos de agulha, o ensino particular era a única oportunidade de que dispunha uma mulher de certo nascimento de ganhar a vida* (Souza, 1987: 91).

Tanto Dona Plácida como Eugênia demonstram alguns traços significativos da estrutura social brasileira da mulher desfavorecida socialmente no século XIX. Segundo Schwarz, as pessoas pobres têm presença relativamente numerosa no romance em questão, poderia resumir as mulheres bonitas e pobres em três tipos: *uma de má vida, outra perfeitamente digna, e a terceira sedenta de ascensão social, todas contrastando entre si, no campo oposto, com uma menina e depois senhora da alta sociedade* (Schwarz, 2000: 113).

A imagem que Machado de Assis fornece da mulher cortesã é representada por Marcela uma espanhola de “vida alegre”. Uma mulher linda que seduz o jovem, Brás Cubas. O amor de Marcela por Brás Cubas dura apenas quinze meses: *Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis.*

A figura feminina mais forte na obra de Machado de Assis em estudo é Virgília. O defunto-narrador é ciente de que Virgília o domina e o manipula, descrevendo-a como uma mulher forte, segura, dona de seus atos, dominadora, capaz de atitudes pensadas e resoluções inabaláveis. Assim é Virgília, tão dominadora que chega a anular as demais personagens, principalmente, Brás Cubas.

Para Roberto Schwarz *Virgília, contrariamente aos cavalheiros, não é uma figura diminuída. Também ela faz questão do bom e do melhor, em que se inclui as audácias da elegância moderna tanto quanto as vantagens da situação tradicional. Brilho mundano, um pouco de agnosticismo, galanteios românticos, liberdade no amor — sem prejuízo de vida familiar sólida, consideração pública, oratório de jacarandá no quarto, reputação imaculada, privilégio. Ocorre que a busca simultânea destes benefícios contraditórios diminui os varões, pois lhe tira o crédito à gravidade moral, assentada sobre a presunção de consistência (...) Virgília, posta diante de uma alternativa, escolhe os dois partidos. Para que fugir com Brás? Não era melhor encontrarem-se numa casinha discreta?* (Schwarz 2000: 136)

Nota-se em Virgília uma mulher inteligente e com cultura, ambiciosa e interesseira que comete adultério para satisfazer seu anseio pessoal. *Virgília mulher astuta e pretensiosa, abandona Brás para casar-se com Lobo Neves devido ao fato deste seguir carreira política e desfrutar de posição social mais elevada. No entanto, para satisfazer suas vontades pessoais torna-se amante do antigo namorado* (Andrade, 7).

Pode-se dizer que Virgília é a única mulher digna para Brás Cubas, pois este se sente superior a todos os outros homens. Já Eugênia, a flor da moita, o narrador a descarta, pois, ela não é digna para o amor de Brás Cubas. Ainda cabe notar que Virgília é a mais culta entre as outras mulheres, ela participa do universo reservado aos homens da época. É notável dizer que Virgília é mais egoísta que Brás Cubas, pois não abre mão das vantagens de um bom casamento e ao mesmo tempo concilia com o prazer de um amor fora do casamento.

Conclusão

Conforme se procurou salientar no decorrer deste artigo, a obra forma uma galeria de tipos femininos representativos do Rio de Janeiro do século XIX, sendo

bastante forte a presença da mulher pobre e trabalhadora, da mãe de família, da mulher cortesã, bem como da mulher dominadora. Pode-se dizer que o autor em estudo tinha o olhar voltado para os eventos diários da vida de um modo geral. Olhar esse munido de "lentes" específicas, com a finalidade de anotar tais fatos, descrevê-los e marcar a transformação do papel da mulher na sociedade brasileira do século XIX.

Pode-se dizer que a temática do ambiente familiar é retratada de forma bastante completa, mostrando a educação familiar, a submissão da mãe de família, as dificuldades da mulher trabalhadora e pobre, a mulher dominadora e a mulher "da vida". Por fim, todas as mulheres analisadas eram restritas ao ambiente doméstico, ou seja, mães de família, não tinham vida pública, política e profissional à exceção de Virgília, a qual conciliava o ambiente familiar com o público e social, mas sem deixar de ser supervisionada pelo olhar masculino.

Agradecimentos

Aos professores que orientaram ao artigo: Luiz Carlos Andrade Aquino, Maurício Martins Alves e Antonio Carlos Machado Guimarães. E também, ao Professor Jean Pierre Chavin, pela orientação que dedicou a nós no período do mini-curso relacionado ao escritor Machado de Assis.

Referências

- [1] JACKSON, Luiz Carlos. *Perspectivas sociológicas sobre Machado de Assis*. em: Estudos Históricos (CPDOC) / FGV, Rio de Janeiro, n. 32, 2003.
- [2] BOSI, Alfredo. *A escravidão entre dois liberalismo*. In: Revista Estudos Avançados - Vol.2 nº. 3, São Paulo: USP, Set/Dez. de 1988.
- [3] SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 2000.
- [4] SOUZA, Gida de Mello. *O Espírito das roupas. A moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- [5] ANDRADE, Jesuíno, Oliveira; Rita Nereide de. *Personagens femininas na obra Machadiana*. disponível em: www.portuguesdobrasil.net. Acesso em: 30 de maio 2008.
- [6] SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. 4ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1992.
- [7] MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1992. V. 2.